



O AMOR E O PERDÃO AOS INIMIGOS EM ROMANOS 12

Mércia da Silva Pereira¹
Francisco Márcio Bezerra dos Santos²

Resumo

Sabendo que o cristianismo comporta uma exigência radical pelo amor ao próximo, nossa pesquisa aborda os temas do amor e do perdão subjacentes em Rm 12, assim como suas implicações na vida prática. Para isso, a dividiremos em três partes. De início, apontaremos a práxis cristã de transformação do mundo, a qual se apoia no esforço cotidiano em corresponder à graça divina (Rm 12,1-2). Posteriormente, ressaltaremos o tema da unidade do corpo de Cristo que se dá numa atitude de amor para com os de dentro da comunidade (Rm 12,3-13). Aqui, a humildade e a justa estima tornam-se condições indispensáveis para a concretização dessa unidade, uma vez que diminuem a incidência de rivalidades e pretensões de grandeza. Por fim, abordaremos o amor aos inimigos como um apelo oriundo do próprio Cristo, em seu imperativo do amor (Mt 5,44), o qual possui várias releituras, por exemplo, Rm 12,14-20. Inspirado em Jesus, Paulo anima seus interlocutores a vencerem o mal pelo bem. Convida-os a superar o desejo de vingança, não retribuindo o mal com o mal, mas amando e abençoando aqueles que os perseguem (Rm 12,14). Nessa atual conjuntura da sociedade, tão marcada por intolerâncias, desejos de vingança e discursos de ódio, acreditamos que Rm 12 possui uma força profética que deve ser redescoberta e instaurada na sociedade atual.

Palavras-chave: Amor. Perdão. Fraternidade. Inimigos.

INTRODUÇÃO

Partindo da compreensão do amor como elemento central na comunidade cristã, recorreremos ao apóstolo Paulo para perceber como o tema ressoou no cristianismo primitivo. Um texto bem significativo está em Rm 12, o qual anima seus leitores a vencerem as divisões e inimizades por meio do amor, dentro e fora da comunidade. No fundo, o apóstolo propõe a superação da lógica vingativa, animando seus interlocutores a não retribuirmos o mal com o mal.

¹ Especialização em Estudos Bíblicos pela Faculdade Católica de Fortaleza – FCF, graduanda em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. pereirasmercia@hotmail.com.

² Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Pesquisador do grupo “A Bíblia em leitura cristã” – FAJE, professor visitante da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). fcomarciofni@hotmail.com.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

A fim de explicitar a dinâmica proposta pelo apóstolo dos gentios, estruturamos nossa pesquisa em três momentos. Inicialmente, abordaremos a práxis cristã de transformação do mundo, sinalizada em Rm 12,1-2. Posteriormente, ressaltaremos o amor fraterno como elemento de sustentação da comunidade cristã (Rm 12,3-13). Por fim, refletiremos sobre o amor aos inimigos e aos perseguidores como elemento de cura e libertação do coração humano iluminado por Cristo (Rm 12,14-21).

1 A PRÁXIS CRISTÃ DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

Nosso ponto de partida é a exortação paulina para que seus ouvintes tornem-se sacrifícios vivos, por meio de um culto espiritual agradável a Deus (cf. Rm 12,1-2). O apóstolo anima-os a esforçarem-se por uma mudança de mentalidade, para corresponderem à graça divina e serem fatores de transformação da sociedade em que vivem. Nesse sentido, o mundo, marcado pela segmentação e divisão entre os povos, pode ser transformado através da práxis cristã, realizada com amor sincero. É próprio desta práxis destruir barreiras (cf. Ef 2,14), estabelecendo unidade, com os de dentro e os de fora da comunidade.

A grande exortação de Paulo é para que seus ouvintes assemelhem-se a seu Senhor, por meio de uma doação total de si. Nisto parece consistir o apelo por um sacrifício pessoal, literalmente um *"logikén latreyan"*, ou seja, um culto eloquente, razoável ou lógico. Portanto, o culto agradável a Deus é aquele que engaja a integralidade da vida humana, no amor sem fingimento³. A abertura ao amor exige do cristão um movimento duplo que se dá no comprometimento radical com o bem e no rompimento integral com o mal, uma vez que, em Cristo, é nova criatura (1Cor 5,17).

³ Cf. CRANFIELD, C.E.B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p 280.



Mais que ato ritualístico, esse sacrifício vivo significa o esforço cotidiano do cristão para fazer o que é correto, vencer o mal com o bem, dando um sentido cultural à própria vida⁴. Implica em não nos conformarmos com o mundo passageiro e imperfeito (1Cor 7,31), mas colaborar na construção, já agora, do Reino que está por vir (1Cor 10,11).

O lugar da práxis cristã é a vida comunitária, pois o comprometimento pessoal em busca de mudança, se dá na comunidade de fé. Guiados pelo Espírito, os cristãos devem abandonar-se inteiramente em Deus, oferecendo-se em sacrifício em prol do bem comum. Uma vez renovado pelo Espírito, o cristão deve ter uma vida voltada para os desígnios divinos, tornando-se instrumento de transformação do mundo e de implementação do Reino de Deus na sociedade em que vive.

2 FORMAMOS UM SÓ CORPO EM CRISTO

O segundo momento de nossa pesquisa consiste em analisar Rm 12,3-13 a partir do tema da unidade do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Portanto, apresentaremos o papel relevante do cristão para sustentar a unidade da comunidade de fé. De modo enfático, o autor trabalha, internamente, a questão da fraternidade.

A princípio, o Paulo empenha-se em erradicar um problema da comunidade perceptível no texto: alguns acreditam-se melhores que outros e possuem um conceito mais elevado de si (cf. Rm 12,3). As rivalidades ameaçam a unidade dos cristãos romanos. A fim de restabelecer a unidade, Paulo recorda a necessidade da justa estima, da verdade sobre si e sobre o outro, princípio facilitador de fraternidade.

⁴ Cf. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Orgs.) **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 579.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

113

A vida comum é o lugar de convívio do diferente. Para expressar o relevante tema da unidade, Paulo se serve da metáfora do corpo humano, destacada também em 1Cor 12,12-27, no qual cada membro tem sua função a desempenhar. Assim como em um corpo sadio, os membros devem funcionar em harmonia para o bem do todo. Na Igreja, cada um deve realizar sua missão, pondo seus dons em favor dos demais. Desse modo, a fraternidade é testemunhada⁵.

Na verdade, essa preocupação do apóstolo remonta a um dado essencial ensinado por Jesus nos evangelhos: o amor ao próximo. Esse compromisso radical do cristianismo nos leva a reconhecer o Filho do Homem presente no outro, fundamentando a urgente necessidade de amar a todos⁶. O outro torna-se lugar de encontro com o Cristo, sinal e manifestação de sua presença. Portanto, o Cristo que se faz presente no irmão fundamenta essa relação de estima e de amor mútuo, fundamentado na autenticidade, sem fingimento⁷.

Em Rm 12,11-12 vemos o apelo à diligência e ao serviço ao Senhor. O Espírito encaminha os cristãos no exercício de sua missão, na superação da preguiça e na busca aplicada pelo amor mútuo⁸. Essa diligência se dá no esforço contínuo de realizar a vontade divina, no serviço ao Senhor. Tudo isso deve estar fundamentado em três “virtudes/atitudes” essenciais para o cristão: esperança, perseverança e oração (cf. Rm 12,12).

O tema da unidade do corpo de Cristo se encerra em Rm 12,13, que convoca os cristãos a tomarem parte nas necessidades dos santos, ou seja, os demais irmãos na fé. Como membros de um único corpo, os seguidores de Jesus devem se ajudar mutuamente, a fim de que o evangelho seja anunciado com maior intensidade. Socorrer as necessidades dos irmãos revela-se uma obra urgente na comunidade e proporciona um vínculo mais sólido. No fundo, Paulo exorta seus leitores a manterem-se fieis à solidariedade, essencial no cristianismo nascente,

⁵ Cf. REYNIER, Chantal. **Para ler a Carta aos Romanos**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 122.

⁶ Cf. CRANFIELD, 2005, p. 281.

⁷ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 2017, p. 314.

⁸ Cf. CRANFIELD, 2005, p. 281.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

114

cercado de pobres. No entanto, ser solidário apenas com os membros do mesmo grupo não é suficiente (cf. Mt 5,46). É necessário abrir-se aos demais, socorrer a todos, mesmo aos perseguidores.

3 O CORAÇÃO CURADO E CONVERTIDO NO AMOR AOS INIMIGOS E PERSEGUIDORES

No terceiro momento de nossa pesquisa trataremos do caráter universal do amor, conforme o qual os cristãos são chamados a viver. O seguidor de Jesus deve transpor os muros do cristianismo e amar a todos, mesmo aqueles que o perseguem. Nesse sentido, a ética cristã exige a superação da lógica do Talião (cf. Ex 21, 23-24; Lv 24,19-20; Dt 19,21), baseada na retribuição proporcional do mal experimentado. Antes, o cristão deve oferecer a outra face, não pagar o mal com o mal, mas ser canal do amor divino a todos.

3.1 AMAI OS VOSSOS INIMIGOS E ORAI PELOS QUE VOS PERSEGUEM

Muitos são os trechos dos evangelhos que deixam transparecer o esforço de Jesus para que seus seguidores transponham os limites da empatia e comprometam-se com o amor a todos, superando os meros ciclos de amizades. É possível dizer que Jesus lhes propõe uma novidade exigente, a fim de que cheguem à plenitude do amor, perdoadando até seus perseguidores (cf. Lc 23,34).

Um dos momentos mais significativos pode ser visto na releitura que Jesus faz das leis de Israel. Nos referimos a Mt 5,20-48, quando o Mestre apresenta uma nova compreensão de justiça, baseada em seus ensinamentos. Embora o texto seja bem valioso, nos deteremos naquilo que influencia diretamente nossa temática, tratada a partir de Mt 5,38.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

Inicialmente, Jesus faz uma releitura acerca do que foi dito: “olho por olho, dente por dente”, referência clara à Lei do Talião⁹. Trata-se de uma sentença sapiencial que encoraja os discípulos a não revidarem a ofensa recebida e não cederem à vingança. A superação da lógica da vingança se dá no oferecimento da outra face e na oração pelos perseguidores.

Parece claro que o pensamento paulino sobre o amor aos adversários, está diretamente relacionado com o imperativo cristão de amar os inimigos (Mt 5,44). O mestre dá a conhecer a seus seguidores aquilo que os torna “filhos do Pai dos Céus”: fazer o bem a justos e ímpios (Mt 5,45). Portanto, Jesus encoraja seus seguidores a irem além. Convoca-os a amarem não apenas o semelhante, mas o diferente, aquele que não tem as mesmas práticas, os mesmos objetivos etc. Esta práxis não surge do nada, mas fundamenta-se no próprio Deus que ama e concede seus dons a todos.

O cristianismo nascente, tão marcado pela perseguição, precisou encarnar bem este imperativo para não ser vencido pelo desejo de vingança. Ser minoria sempre foi um desafio, uma dura realidade. Muitos foram perseguidos, presos e mortos; mas, inspirados em Jesus, deveriam permanecer firmes, ofertando a outra face. Desse modo, o mandamento do amor aos inimigos nutre a caminhada cristã, a fim de que os cristãos não sejam vencidos pelo ódio, mas deem testemunho do amor radical ao qual Cristo os chamou.

Diferentemente dos pagãos que agem a partir do vínculo estabelecido pela empatia, o cristão deve radicalizar esse amor tornando-o universal. Nisto consiste a perfeição indicada por Mateus (cf. Mt 5,48). Contudo, não se trata de perfeição moral ou impecabilidade, mas de disponibilidade em amar a todos, mesmo que sejam inimigos e perseguidores. Portanto, esse imperativo perpassa a comunidade cristã dos primeiros séculos, muitas vezes perseguida e maltratada, mas que soube superar a lógica da vingança por meio do martírio.

⁹ Recebe este nome a Lei expressa em Ex 21,23-24; Lv 24,19-20; Dt 19,21 e que estabelece uma retribuição proporcional ao mal que alguém sofreu. No fundo, o objetivo dessa lei é proibir uma vingança desproporcional, muito comum no Antigo Oriente.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

116

3.2 A NINGUÉM PAGUEIS O MAL COM O MAL

O amor tornou-se práxis essencial e paradigmática para o cristianismo (cf. Mt 5,44). Muitos foram aqueles que renunciaram revidar com violência às perseguições sofridas. É o caso de Pedro e João (cf. At 4,1-31), de Estevão (cf. At 7), de Paulo (cf. 2Cor 11,21-33) e de tantos outros mártires. A exortação de Jesus para que seus discípulos não se pautassem pelas retaliações permitidas na Lei é tão significativa que encontrou releituras diversas nos textos cristãos¹⁰.

Uma dessas reinterpretações pode ser vista em Rm 12. A perícopre, iniciada com o encorajamento a um culto espiritual (Rm 12,1-2), em cujo centro está a exortação ao amor aos irmãos na comunidade cristã (Rm 12,3-13), alcança seu ápice no encorajamento ao amor universal (Rm 12,14-21). Tal amor exige a superação da lógica da vingança e convoca os cristãos a uma atitude de benevolência para com todos, inclusive os inimigos.

Primeiramente o Apóstolo propõe uma ordem de bênção. Antes de mais nada, o seguidor de Jesus deve ser caminho de bênção para todos. De forma ímpar, Paulo sugere a superação de uma mentalidade que imperava há tempos, segundo a qual o inimigo poderia ser amaldiçoado (cf. Gn 12,3 e Mt 5,43). Podemos dizer que essa superação é o tema central do terceiro momento de Rm 12, sendo aludida nos versículos 17, 19 e 21. Em síntese, o grande apelo de Paulo é que se vença o mal pelo bem.

Essa superação fundamenta-se no imperativo do amor aos inimigos, indicado por Jesus (Mt 5,44; Lc 6,27). Contudo, Paulo deixa mais claro em que consiste essa superação: “A ninguém pagueis o mal com o mal” (Rm 12,17). Essa ordem tem relação direta com a razão de ser do cristão. O seguidor de Jesus não deve orientar-se pela prática do mal, mas abrir-se constantemente ao bem de todos, como seu mestre.

¹⁰ Cf. Mt 7,12; Lc 6,27.35; Rm 13,10; 1Pd 3,15 etc.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

Por mais que a justiça seja um elemento essencial dos Textos Sagrados, não cabe ao cristão forçar seu acontecimento. Antes, deve evitar ações do tipo para não cometer, ele mesmo, uma injustiça. Por isso, inspirado em textos do Antigo Testamento (Lv 19,18; Pr 20,22), Paulo recorre ao tema da ira de Deus, segundo o qual Deus mesmo estabelecerá a sua justiça no momento oportuno. Portanto, ao fiel fica vetada qualquer prática vingativa. Sobre Rm 12,19, Bruce observa:

Desde que a vingança e a recompensa são uma prerrogativa de Deus, devem ser deixadas com Ele. Assim, na comunidade de Qumran a vingança particular era proibida com base em que, segundo Naum 1,2, somente Deus “toma vingança contra os seus adversários, e reserva indignação para os seus inimigos”¹¹.

Diante de perseguições e inimizades, o cristão deve inspirar-se na sabedoria de Israel e não revidar. Paulo, servindo-se do livro de Provérbios (Pr 25,21-22) indica qual deve ser o proceder do cristão. Agir do modo oposto, retribuindo o mal com o bem, é uma forma sensata e eficaz de vencer a maldade e os desejos do inimigo. Na linguagem sapiencial, isso significa acumular brasas sobre a cabeça do adversário (cf. Pr 25,22), símbolos da vergonha e do arrependimento, instalados no coração do inimigo. Uma vez alcançado por gestos de misericórdia e de solidariedade, o inimigo seria levado pela bondade à vergonha e ao remorso, convertendo-se em amigo.

Portanto, o cristianismo comporta uma práxis inovadora perante os perseguidores e inimigos, segundo a qual o cristão renuncia a vingança e propõe o amor. Dar a outra face é a melhor forma de não ser vencido pelo mal. Desse modo, o amor se mostra uma realidade essencial não apenas na comunidade, mas também fora dela. O perdão é o caminho principal desse amor, que deve tornar-se gesto concreto na solidariedade com tais pessoas (Rm 12,21).

Certamente, os valores implicados nessa reflexão paulina são bem pertinentes para essa sociedade marcada pela segmentação e pelo discurso de

¹¹ BRUCE, 2011, p. 186.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

118

ódio. Não ceder às vozes do mal tem se tornado cada vez mais difícil. No entanto, não podemos desanimar diante da árdua missão de anunciar o amor e transformar o mundo ao nosso redor. Os seguidores de Jesus precisam superar essa tentação e voltar aos princípios básicos de seu Mestre. É ele a norma última da práxis cristã. Assemelhar-se a ele é o desafio que se impõe todos os dias a seus seguidores. Mais que nunca, é necessário recordar que essa semelhança se dá na prática do amor ao próximo: “Nisso reconhecerão que vós sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35).

CONCLUSÕES

Com o objetivo de compreender o papel central que o perdão e o amor possuem no pensamento paulino, mais especificamente em Rm 12, elaboramos nossa pesquisa em três momentos. De início, a partir de Rm 12,1-2, abordamos a práxis cristã de transformação do mundo, cujo sentido último é exortar os seguidores de Jesus a se oferecerem em sacrifícios vivos. No segundo momento, analisamos Rm 12,3-13 enfatizando o aspecto da unidade do Corpo de Cristo que é a Igreja. Aqui, o Apóstolo insiste com seus interlocutores para que mantenham a unidade eclesial, superando as rivalidades, as divisões e as autopromoções. Contudo, esse amor deve transpassar os muros da comunidade, chegando a todos, inclusive aos inimigos e perseguidores. Esse apelo foi o norte principal de nosso terceiro momento, que fora dividido em dois tópicos: a) Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; b) A ninguém pagueis o mal com o mal.

De modo sucinto, podemos dizer que amor e perdão tornam-se dois elementos indispensáveis para o estabelecimento da fraternidade, dentro e fora da comunidade. Por meio deles o cristão vence a lógica da vingança e se assemelha a Jesus Cristo. Nesse sentido, podemos dizer que o verdadeiro amor se concretiza no perdão. Apesar da exigência, temos que reconhecer nessa práxis a esperança de um mundo melhor, com menos vingança e mais perdão. Contudo, mais que



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

119

mérito, essa práxis se concretiza a partir da graça atuando em conjunto com o esforço humano, para que um potencialize o outro.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 2017.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. São Paulo: Paulus, 2018.

BRUCE, F.F.. **Romanos: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2011. (Série Cultura Bíblica).

CRANFIELD, C.E.B.. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

REYNIER, Chantal. **Para ler a Carta aos Romanos**. São Paulo: Loyola, 2015.